



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/granito-ao-longo-das-serras/>

Granito ao longo das serras: conquista, escalada e a individuação com as pedras [1]

Maria Julia Fernandes Vicentin [2]

RESUMO: Ao longo das Serras do Mar e da Mantiqueira, narrativas nativas emergem ao coexistirem com as *abuelitas pedras*. Considerando o princípio de individuação proposto por Simondon em diálogo com uma antropologia mais que humana de Ingold, nos atentamos para as relações entre corpo-movimento-ambiente-materialidade. É no montanhismo, na escalada e na conquista, cujos humanos, ao coabitarem e cocriarem suas linhas narrativas com as pedras, seguem ambos, ao longo de um campo relacional e processual de continuidade com a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Escalada. Individuação. Devir Pedra.

Granite along the mountains: conquest, climbing and individuation with stones

ABSTRACT: Along the Serra do Mar and Mantiqueira, native narratives emerge when they coexist with the abuelite stones. Considering the principle of individuation proposed by Simondon in dialogue with Ingold's more than human anthropology, we pay attention to the relationships between body-movement-environment-materiality. It is in mountaineering, climbing and conquest, whose humans, when cohabiting and co-creating their narrative lines with stones, follow both, along a relational and procedural field of continuity with life. **KEYWORDS:** Climbing. Individuation. Becoming Stone.

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

Estar com as pedras desde a base da casa da avó e da bisavó entre as montanhas do sul de minas, subir os mirantes em família, avistar as entranhas, percorrer as divisas, adentrar no mar de colinas.



As serras da estrada real, caminho e entre fluxo contínuo de ancestrais que através do meu corpo ainda transitam.

Sentada no alto da Serra da Mantiqueira imaginava enxergar as pedras da encosta salgada de onde nasci e também sou cria, a Serra do Mar. Foi em um desses encontros com as pedras, que me foi soprada a informação da extensão das rochas do sul de Minas Gerais até o Litoral Norte de São Paulo. Confirmam geologicamente que ambas as serras são repletas de granito: pedras junto às montanhas onde habita também a floresta atlântica, aquela – dizem - exuberância, contudo tão logo invadida.

Desde que alargaram as nossas trilhas e asfaltaram estradas, as serras desabam com as pedras durante as chuvas de janeiro a janeiro. Os turistas, em suas temporadas, afundam as erosões na encosta litorânea fadada ao desenvolvimento desde os anos 50. Casas em praias privadas tomam para si as terras, as areias e as pedras onde os meus parentes caiçaras colhiam mariscos. Hoje, nem mais mangue, nem mais ribeirão de água doce. Entre as pedras deságua apenas esgoto.

Caminhando e me banhando nas encostas é que estive toda a minha infância com as rochas. Mas a conversa ligeira, de quem sobe e desce pelas beiras, foge dos turistas em direção ao silêncio das pedras na Mantiqueira, não me permitiu ouvi-las em seus pausados ritmos, nem mesmo sermos constantes companheiras. Tive que percorrer por outros solos para então retornar e cavoucar esse território em busca de raízes e rizomas, e encontrar, por fim, pedras entre o barro e a terra.

Precisei estranhar as pedras, tive que ouvir cientificamente sobre a morfologia das rochas e ver a invasão e a exploração das serras, para assim voltar a me reconhecer junto a elas, seja no litoral ou no mar de montanhas da Mantiqueira. Hoje, ao conversar com elas, percebo que para ser dessas serras é preciso me reterritorializar e ser com as pedras. É preciso ser moldada por elas e



compartilhar desse território existencial (Guatarri, 1992) onde habitam as mais antigas anciãs dessas montanhas.

Nessas idas e vindas, reencontrei também amigos nativos escaladores que nunca deixaram a Serra da Mantiqueira e menos ainda a convivência com as pedras. Com respeito e com cuidado eles me

iniciam nesse profundo coexistir com elas, indicam caminhos, permanências, entradas e saídas [3]. Mostram-me como as *abuelitas pedras* [4] são seres antigos e que muito nos ensinam. É no montanhismo e na escalada, nesse intenso coexistir com as rochas, que a minha história se transforma, sobretudo ao encontrar novos caminhos não somente nas pedras, mas a partir da relação com elas.

Assim, compartilho da perspectiva de muitos dos escaladores que saúdam as *sábias abuelitas*: elas são *sinceras*, agem sobre aqueles que as encontram, que as percebem em seus supostos silêncios. Conforme a análise de Santos (2019), alicerçada, sobretudo, nas proposições de Ingold (2000; 2007), entendemos a escalada também como um agenciamento, este que coloca em relação humanos, rochas, coisas e ambiente. Não bastaria, portanto, uma análise pautada apenas nas redes óbvias de encontro entre agentes humanos, objetos e pedras. É a partir das várias narrativas de meus interlocutores e da minha própria experiência de campo-vida, que não apenas observo, mas sinto emergir um emaranhado de relações anteriormente silenciosas, ou ainda, indecifráveis, como a movimentação das pedras entre as serras, ou mesmo ao longo das eras.

Além disso, como nos indica Ingold (2007, p. 1, tradução nossa), “a propriedades dos materiais, então, não são atributos fixos da matéria, mas são processuais e relacionais. Descrever essas propriedades significa contar suas histórias”. Escalamos não somente a minha história e de amigos com as rochas, mas as próprias histórias das pedras em nosso mútuo descobrimento.



Assim, quando falamos sobre a rocha-escalada, estamos discorrendo sobre algumas de suas incontáveis histórias; referimo-nos a um determinado conjunto de linhas que contribui para certa parte dessa construção contínua da rocha enquanto coisa. Mas é somente quando entendemos a rocha enquanto coisa, não como objeto, que nos é possível encará-la de tal forma e nos sensibilizarmos à sua história. (Santos, 2019, p. 1)

Se tomarmos as pedras enquanto coisa, como sugere Ingold (2000), muito além de apenas agentes (Gell, 1998), nos aproximando talvez da noção de pessoa (Strathern, 2014), é possível

relacionar essas narrativas que delas emergem, com as proposições sobre o processo de individuação apresentado por Simondon (1958, p.1). Sua perspectiva a respeito da individuação do ser é contrária tanto à via substancialista – que considera o ser como consistindo em sua unidade, dado a si mesmo, fundado sobre si mesmo, “não engendrado”, resistindo àquilo que não é ele mesmo – quanto à via hilemórfica, que considera o indivíduo como engendrado pelo encontro de uma forma e de uma matéria.

Para Simondon (1958) a busca do princípio de individuação é que a individuação tenha um princípio, cabendo, assim, a ideia de prefiguração da individualidade constituída em correspondência com as propriedades que ela tem ao ser constituída. Se para ele é na relação matéria-forma que jaz a ontogênese, pensar a escalada e as relações entre os seres que a compõem, só faz sentido em seu próprio devir, em seu processo de constituição de existência tanto pelos humanos, escaladores, quanto pelos mais que humanos, isto é, rochas, coisas, ambiente.

O ser vivo se conforma ao devir, que opera uma mediação. O ser vivo é agente e teatro de individuação; seu devir é uma individuação permanente, ou melhor, *uma sequência de acessos de individuação* avançando de metaestabilidade em metaestabilidade; o indivíduo não é, assim, nem substância e nem simples parte do coletivo: o coletivo intervém como resolução da problemática individual, o que significa que a base da realidade coletiva já está parcialmente contida no indivíduo sob a forma da



realidade préindividual que permanece associada à realidade individuada; aquilo que geralmente se considera como *relação*, devido à substancialização da realidade individual, é de fato uma dimensão da individuação através da qual o indivíduo devém: a relação, ao mundo e ao coletivo, é uma *dimensão da individuação* da qual participa o indivíduo a partir da *realidade préindividual* que se individua etapa por etapa (Simondon, 1958, p. 6).

Seguindo as proposições de Simondon, procurarei pensar tal processo de individuação, este que se metaestabiliza na própria possibilidade e potência de vida desses seres, sobretudo, ao tomar as pedras também como um *ser vivo que conserva em si uma atividade de individuação permanente*. Deste modo, pedras e humanos em seu processo mútuo, simultâneo e articulado de ser, e vir a

ser. Por isso privilegio uma análise desde a gênese do estar com as pedras, até a criação do ser com as pedras, isto é, ao considerar os primeiros encontros dos humanos com as pedras através da *conquista de vias*, trazendo para a análise os processos de transformação que esse encontro engendra tanto nos corpos humanos, quanto nos corpos das pedras, como também nos objetos-equipamentos utilizados durante essa relação entre pessoas e pedras, isto é, coisas.

o ser vivo resulta de problemas, não somente se adaptando, ou seja, modificando sua relação com o meio (como uma máquina pode fazer), mas modificando a si mesmo, inventando estruturas internas novas, introduzindo-se completamente na axiomática dos problemas vitais. *O indivíduo vivo é sistema de individuação, sistema individuante e sistema se individuando*; a ressonância interna e a tradução da relação a si em informação se encontram neste sistema do ser vivo (Simondon, 1958, p. 4).

É importante pontuar também que na perspectiva de Simondon (1958), as relações não ocorrem entre indivíduos, mas os indivíduos emergem de um “sistema de individuação” constituído por relações. Afinal, para ele o indivíduo não é um ser, mas um ato, e o ser é indivíduo como agente desse ato de individuação pelo qual ele se manifesta e existe (Simondon, 2005, p. 192, *apud* Sautchuk, 2015, p. 4).



para pensar a individuação, é necessário considerar o ser não como substância, ou matéria, ou forma, mas como sistema tenso, supersaturado, acima do nível da unidade, não consistindo apenas nele próprio (Simondon, 2005, p. 19 *apud* Sautchuk, 2015, p. 5).

Se a individuação emerge a partir das relações dos seres e do meio e, ao mesmo tempo, ela é um ato, o estar com as pedras só faz sentido a começar na convivência e coexistência com elas. Por isso, antes de serem observadores de pedras, os escaladores e conquistadores só existem quando *coabitam*, são *afetados* e *afetam*, em uma via de mão dupla, com as pedras.

Pedras narrativas: a conquista

O homem, bicho da terra tão pequeno
Chateia-se na terra
Lugar de muita miséria e pouca diversão,
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
Toca para a lua
Desce cauteloso na lua
Pisa na lua
Planta bandeirola na lua
Experimenta a lua
Coloniza a lua
Civiliza a lua
Humaniza a lua.

Lua humanizada: tão igual à terra.
O homem chateia-se na lua.
Vamos para marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em marte
Pisa em marte
Experimenta
Coloniza
Civiliza
Humaniza marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro - diz o engenho
Sofisticado e dócil.
Vamos a vênus.



O homem põe o pé em vênus,
Vê o visto - é isto?
Idem
Idem
Idem.

O homem funde a cuca se não for a júpiter
Proclamar justiça junto com injustiça
Repetir a fossa
Repetir o inquieto
Repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira terra-a-terra.
O homem chega ao sol ou dá uma volta
Só para tever?
Não-vê que ele inventa
Roupa insiderável de viver no sol.
Põe o pé e:
Mas que chato é o sol, falso touro
Espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
Do solar a col-
Onizar.

Ao acabarem todos
Só resta ao homem
(estará equipado?)

A difícilima dangerousíssima viagem
De si a si mesmo:
Pôr o pé no chão
Do seu coração
Experimentar
Colonizar
Civilizar
Humanizar
O homem

Descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
A perene, insuspeitada alegria
De con-viver

Carlos Drummond de Andrade



Pedro Steiner, um amigo-parente, leva duas vezes as pedras em seu nome, diz ser um *fanático por pedra*. Nativo entre as rochas que povoam às águas de São Lourenço – MG, e andarilho em busca de novas movimentações nas pedras do Sul de Minas, é ele quem me mostra a força que as rochas trazem, o desafiar de uma vida dedicada a esse encontro que muitas vezes corta, arde, machuca e inflama: *é preciso dar o sangue para a pedra*. Ensina-me também sobre a satisfação quando a subida é *concedida* pelas pedras, e como a escalada, muito além de um esporte, é *filosofia de vida*. Pedro legenda uma foto sua escalando nas redes sociais: “coexistência - qualidade, condição ou estado de coexistente; existência simultânea. Eu e Ela. Por um momento me sentir pertencente ao reino mineral. Amo muito essas *abuelas* que muito nos ensinam! Vamosssss! Agradecido Multiverso pelas oportunidades do viver!”.

Porém, quem me apresentou e me levou adiante junto às profundezas das fendas, a rever às rochas da minha primeira infância em São Bento do Sapucaí - SP foram Lucas e Mateus. Lucas Oliveira é um escalador que se mudou para São Bento para estar mais próximo às rochas, assim como muitos escaladores procuram hoje a cidade devido ao montanhismo e a escalada. A região da Serra da Mantiqueira e, sobretudo, São Bento do Sapucaí, são conhecidas internacionalmente

como importantes *picos* de escalada no Brasil, atraindo desde o começo dos anos 2000 cada vez mais turistas e novos escaladores-moradores como Lucas.

Foi com Lucas que me dei conta sobre a minha “ancestralidade montanhista”. Afinal, já perdi as contas quantas vezes subimos a Pedra do Baú em família, contudo, Vó Tei bem se lembra de que ao longo de sua vida escalou cinco vezes a *Pedra* - desde quando aconteceu a primeira investida ao cume em 1940, quando foi fixada a *via ferrata* por parte dos irmãos Cortez. Na época, em cima da Pedra foi construído o primeiro abrigo de montanha do Brasil, abrigo este que Vó Tei se lembra



de cuidar, varrer e descansar após as suas subidas. Após uma série de atos de vandalismo e destruição do local, o abrigo tornou-se história dos antigos.

Mateus Prado é um escalador-nativo de São Bento e dedica a sua vida ao montanhismo, como ele prefere indicar em nossas conversas. É ele quem me ensina que a escalada é mais uma atividade dentro de algo maior que é o montanhismo. Por isso ele insiste, por exemplo, que a *conquista* de vias é tão importante quanto saber fazer *ballet nas pedras* (escalar). Ou seja, para ele, é “na conquista que se lida com o desconhecido, é quando tocamos um lugar onde os humanos ainda não passaram”.

A chamada *conquista*, ou seja, *abertura de vias, linhas, caminhos*, nas pedras nasce com a história da colonização. Escalar pedras era prática militar, tática para o domínio de novos territórios. É desse passado ruidoso que surge a escalada no ocidente, e ao se desenvolver em suas várias modalidades, é promovida à noção de esporte, isto é, às academias *indoor* (fechadas) de escalada e aos campeonatos internacionais.

Mas como me indica Mateus, que ainda é jovem na *conquista* de vias, nela não existe competitividade, mas sim, *ego*. Segundo ele, a conquista envolve “disposição, comprometimento, peso, risco e dinheiro”. Para se conquistar, segundo ele, é preciso de “um material de grampeação, material para progredir, material para furar”, ou seja, a conquista envolve vários equipamentos caros e ferramentas pesadas para se levar para o alto da pedra. Além disso, se investe dinheiro nas vias através dos *grampos* e *chapeletas* de proteção, que serão fixados nas pedras e ali permanecerão por muito tempo, entregues ao devir da rocha, servindo para a proteção dos escaladores que por ali passarem.

Para Mateus, “a conquista é uma obra, cada grampo colocado é muito bem pensado e muito bem escolhido”. Percebo que a *conquista* mais revela os caminhos já implícitos da rocha para aqueles



que aprendem não apenas técnicas corporais (Mauss, 1934) amplamente difundidas no meio da escalada, mas desenvolvem habilidades (skills) (Ingold, 2000) específicas, como a paciência para enxergar com calma um possível trajeto, e a coragem em dirigir seu corpo junto à pedra através de um caminho nunca antes percorrido por humanos.

Pode-se, portanto, afirmar que a operação técnica revela e utiliza formas naturais já existentes e, ademais, delas constitui outras em maior escala, que empregam as formas naturais implícitas; a operação técnica mais integra as formas implícitas do que impõe uma forma totalmente estranha e nova a uma matéria que permaneceria passiva diante dessa forma (Simondon, 2005, p. 67).

A conquista, desse modo, se apresentaria mais como um ato de ousadia ao se arriscar no contorno desses caminhos que podem, contudo, já terem sido avistados por outros escaladores, porém, nunca antes realizados ou percorridos. Afinal, a ação de escalar, em sua própria gênese, já implica o treinamento da visualização das saliências e depressões que existem na rocha, ao perceber as fendas e agarras, e observar linhas que já existem nas rochas independente do conquistador. Deste modo, é durante a conquista em que essa habilidade (*skill*) em enxergar as linhas da pedra será exacerbada, afinal, é neste momento quando o escalador irá deixar sua própria marca junto às rochas, isto é, irá contornar o caminho ao equipá-lo com proteções fixas, por exemplo.

Mateus me conta que apesar da conquista ser um tanto *intuitiva*, Bito Meyer foi quem mais lhe ensinou sobre ela. Bito foi um importante escalador que morou durante anos em São Bento, abriu muitas vias na região e ministrava cursos de escalada na cidade. Abaixo, compartilho um relato que encontrei em seu blog [5] a respeito de uma abertura de via na Pedra do Baú. O relato foi escrito em 2009 por uma companheira de conquista, Karina Filgueiras:

Sempre que eu olhava para a face norte do Baú, via a formação do “arco do Baú”, bastante pronunciado e com seu teto no sentido longitudinal da rocha, e me pegava pensando que, “ali era um desenho natural de uma via



de escalada. [...] O Bito já conhecia a entrada de via, pois ele tinha visto-a na conquista da 'Distraído Venceremos'. Pronto, a ideia estava lançada! Arrumamos as tralhas, aproveitamos que o Bito iria dar um curso avançado e já teria que levar as “toneladas” de equipo lá pra cima e assim demos início a abertura desta nova rota.

Não à toa, como conta Mateus, para a realização de uma conquista é preciso ter *disposição* e *comprometimento*, passar vários dias na montanha, vivendo intensamente com as pedras, trabalhando na *obra (conquista)* de sol à lua. Além de carregar muito peso, é preciso saber, além do limite, a não ser apenas escalador, mas montanhista, como costuma me dizer Mateus. Isto é, saber como racionar a água para o número de dias do acampamento, saber lidar com enxames de abelhas e marimbondos que costumam viver nas fendas e buracos das rochas, e outras fatalidades que possam vir a acontecer durante a estadia de completa imersão com as pedras e com o ambiente que os cercam. Além disso, *conquistar* uma via é estar entregue às alturas e sem as devidas proteções fixas tradicionais da escalada [6].

Bito escreve muitos relatos em seu blog a respeito de conquistas, escaladas e montanhismo, mas um relato em especial, que diz respeito à *maestria* no montanhismo me chamou atenção [7]:

As pessoas esquecem que em 45 anos de prática de uma atividade as coisas se repetem, as pessoas se repetem. Há uma coisa sobre a “maestria” que as pessoas não sabem, ela não pertence a ninguém e *nem tem um método para se tornar mestre em algo, é algo que acontece a algumas pessoas por causa de certas condições que espontaneamente se criam*, é como pegar alguns metais diferentes e colocar numa bagaça e colocar fogo em baixo da bagaça. Alguns metais vão se tornar líquido, em tempos diferentes e em algum momento vão se fundir, assim é com a maestria, um dia a coisa funde e se manifesta através de você, não é você. É por isso que um mestre não se reconhece como tal, são as pessoas que percebem a manifestação da maestria. Levei muito tempo para entender o porquê, para um mestre, o elogio e o descaso para com ele, não tinha relevância alguma: porque ambas vem da mesma fonte. É por isso que um mestre anda “arquejante”, a procura de originalidade. Mas na real a coisa é bem simples, o universo do montanhismo e da escalada é o mesmo do



jardineiro, padeiro e borracheiro, consiste em fazer com o coração, *ter o tempo como catalizador*.

Mateus foi quem me indicou o blog do Bito para que eu adentrasse mais no universo da conquista de vias, afinal, Bito foi quem iniciou Mateus nessa arte. Mas Mateus reconhece que a *conquista* não é o melhor dos termos para essa atividade. Ele prefere a ideia de *conversa* com as pedras, a ideia de descobrir sua superfície, suas fissuras e fendas, e para isso, é preciso de tempo, tato e observação atenta. Como já foi comentada, para a maior parte dos escaladores, e tampouco para os conquistadores, a atividade não indica uma relação de dominação sobre o ambiente ou sobre as pedras, pelo contrário, é de coexistência - como bem comentou Pedro.

Não é o caso, no entanto, da rocha-escalada; aquelas rochas marcadas por relações estabelecidas com os escaladores. A rocha-escalada é uma coisa distinta inteiramente: ela salta aos olhos, seus detalhes, sua formação, as ranhuras, rachaduras, buracos e platôs se tornam extremamente importantes; ela é respeitada, ela tem vontades, sinceridade, demanda carinho e pedidos de licença. Ela adquire estranhas marcas brancas e pequenos objetos metálicos em sua superfície. Em especial, a rocha-escalada é percorrida incansavelmente, incontáveis vezes. [...] Como explicar tamanha diferença? Ora, a diferença entre a rocha e a rocha-escalada é uma diferença de olhar. De um lado – o da rocha inerte – temos um objeto, do outro – a rocha escalada –, temos uma coisa, um material. Esta distinção nos é trazida por Tim Ingold, em uma crítica ao modo dominante na sociedade ocidental de ser e estar no mundo, assim como de olhá-lo. (Santos, 2019, p. 2)

Além da visualização do caminho, o conquistador também toca e bate na pedra com o martelo: é preciso *ouvir o som da pedra* para ter certeza que as suas agarras estão firmes. Existe um timbre específico que indica quando a pedra está oca e pode romper facilmente com o peso humano. Tal ação, por exemplo, pude notar quando acompanhei Mateus durante a abertura da primeira via de escalada na pedra do *chiqueiro da onça*, quintal da casa da minha bisavó e bisavô em São Bento do Sapucaí, em abril de 2020.

Outro conquistador de vias do Sul de Minas e que vim a conhecer recentemente é Tiago Brandão. Tiago dedica a sua vida a escalada há mais de 20 anos e trabalha atualmente com “resolagem” de



sapatilhas para escalada. Ele foi um dos primeiros da região de São Lourenço a abrir linhas nas pedras das redondezas.

Naquele tempo, a gente contava no dedo quem eram os escaladores. Não tinham muitos lugares para se escalar, por isso começamos a abrir vias. Começamos fazendo com batedor, a gente era novo, e não tinha dinheiro para comprar furadeira, a gente fazia na mão mesmo. [...] Eu tenho muito prazer em chegar em baixo da pedra, olhar o desenho da pedra, olhar a possibilidade de agarras, de movimentação dela. E falar: ‘aqui dá uma via massa! Quer ir por ali, por aqui, porque é mais bonito do que aqui. (Tiago Brandão, entrevista concedida em julho de 2020, São Lourenço, MG).

Quando lhe pergunto pelo whatsapp *qual foi a via aberta que mais lhe marcou na vida?* Ele me responde postando em sua própria página nas redes sociais uma foto com a seguinte legenda:

Esses dias fui convidado pela @majurhema a responder algumas perguntas pra uma pesquisa, que visa identificar os locais ainda ativos e o perfil dos escaladores que empreitar na conquista, ou seja, os picos que ainda estão bombando de vias novas e os pqs dos maluko que inventam de abrir essas vias!!! 🤔🤔👆👇👈👉🏔️🧗 E uma das perguntas: Qual ou quais vias que você abriu que te trazem as melhores recordações!? E a primeira que me veio na cabeça foi a Golpe de Estado - 5°/VI A2 110m E3 na linda e imponente Pedra Branca localizada entre os municípios de Natércia, Cristina e Conceição das Pedras – MG. *Essa conquista foi especial por estar com um parceiro que me identifico na parede, pela complexidade e sagacidade na liberação do lance em artificial e principalmente pela beleza incomparável da Serra da Pedra Branca...* 😊🧗 #brandsresoul #tradclimb #artificialclimb #paredenaotemplateia

Quando comento com Tiago sobre a importância de estar acompanhado de um parceiro legal durante a empreitada, ele me diz: “acredito que seja uma das coisas que mais me motivam a escalar... estar com pessoas tão iluminadas! Só gratidão!”. Em sua postagem nas redes sociais, outros escaladores replicam: “Tenho mta vontade de conquistar ou ajudar em uma conquista de uma via de parede... Se rolar uma da um toque, Tiago!”. Tiago replica: “Show Laranja!! Bom



saber!! *parceiro pra essas empreitadas tá virando raridade!!!* 😊😊😊😊 Venga!!!!”. Quando retorno a perguntar para Tiago porque está tão raro conseguir parceiros para abrir vias, ele me responde: “Ninguém quer ficar vários dias passando perrengue na rocha. Hoje a maior parte dos escaladores é esportista, quer treinar movimentos, treinar força. Conquistar não traz isso, pelo contrário. Subir a rocha com muito peso não traz nenhum desenvolvimento corporal para o escalador, além do que não tem plateia”.

Se a escalada se faz através de narrativas em torno das pessoas e das pedras, e a qualidade e o prazer do trabalho, do coexistir junto às pedras, envolvem não somente as relações entre os humanos e os mais que humanos, isto é, também o ambiente e a paisagem. As relações entre humanos e humanos junto às pedras se faz central também durante a atividade. A convivência em suas mais variadas dimensões e articulações, as relações e associações que emergem a partir dessas várias existências com o ambiente, são todas relevantes para a composição das experiências mais bonitas na conquista e, conseqüentemente, também na escalada. Assim, a experiência estética [8] com as rochas transborda o encontro, apenas, do escalador e da rocha. As coisas e as pessoas são belas pelo o que fazem, com quem fazem, como fazem e onde fazem.

Tiago também comenta que ele, enquanto um escalador e conquistador mais experiente consegue perceber *o estilo do conquistador* numa via: uma linha com grampos mais esparsos, outra com grampos muito próximos, outra com passagens mais complexas do que a pedra sugere, podendo chegar, inclusive, a perceber o ego do conquistador da via. Ele diz, “eu já passei dessa fase de ego na escalada, hoje procuro abrir vias mais acessíveis para os vários tipos de corpos do que uma via complexa, cujo caminho será exaustivo e desafiador para o escalador”. Assim, a beleza de uma via é algo complexo e que merece ser mais bem examinado, sobretudo com relação aos efeitos que ela produz em cada um dos corpos. Na escalada a estética habita também a habilidade e a técnica.

Obra-conquista: tecnologias, técnicas e habilidades



A qualidade da matéria é fonte de forma,
elemento de forma que a operação técnica faz mudar de escala.

A existência das formas implícitas manifesta-se
no momento em que o artesão elabora a matéria bruta;
Simondon

O utensílio só existe realmente no gesto
que o torna tecnicamente eficaz
A humanidade muda um pouco de espécie
cada vez que simultaneamente muda de utensílios e de instituições.

Leroi-Gourham

Ao trabalhar com as pedras é imprescindível o máximo cuidado, pois a conquista pode vir a *machucar a pedras*. Afinal, “para que furar a pedra desnecessariamente?”, me pergunta Mateus. Por isso, atualmente, quando se encontram fendas nas rochas, por exemplo, são utilizados equipamentos de *ancoragem móvel*, os *entaladores*, como *friends*, *nuts*, e *camalots* [9]. Estes citados, ao invés de serem *ancoragens fixas*, como as *chapeletas* e *grampos P*, são considerados *proteções móveis*. Atualmente, e quando possível, é recomendado que esses equipamentos sejam encaixados por cada um dos escaladores na própria rocha, nas suas fendas e fissuras ao longo da subida.

A matéria é matéria porque abriga uma propriedade positiva que lhe permite ser modelada. *Ser modelada não é sofrer deslocamentos arbitrários, mas ordenar sua plasticidade segundo forças definidas que estabilizam a deformação. A operação técnica é mediação entre um conjunto interelementar e um conjunto intraelementar.* A forma pura já contém gestos, e a matéria prima é capacidade de devir; os gestos contidos na forma encontram o devir da matéria e o modulam. Para que a matéria possa ser modulada em seu devir, é preciso que ela seja (como a argila no momento em que o obreiro prensa-a no molde) realidade deformável, isto



é, realidade que não tem uma forma definida, mas todas as formas indefinidamente, dinamicamente, pois essa realidade, ao mesmo tempo que possui inércia e constância, é depositária de força, ao menos durante um instante, e identifica-se ponto por ponto a essa força; para que a argila preencha o molde, não basta que ela seja plástica: é preciso que transmita a pressão que o obreiro lhe imprime, e que cada ponto de sua massa seja um centro de forças, a argila se impele no molde que ela preenche; ela propaga consigo, em sua massa, a energia do obreiro. (Simondon, 2005, p. 43)

Embora não seja o meu objetivo discutir as modalidades de escalada, contudo, é preciso explicitar uma distinção importante entre a *escalada livre* e a *escalada artificial*, haja vista o aprofundamento com relação aos equipamentos e as técnicas empregadas nestas atividades. Isto é, para que seja possível pensarmos a relação corpo-equipamento-pedra na escalada e, conseqüentemente, pensar também na transformação engendrada através das técnicas, habilidades e tecnologias na conquista, isto é, pensar na transformação que ocorre a partir da ação, e relação, tanto das técnicas e habilidades do corpo, quanto das tecnologias dos dispositivos, equipamentos e ferramentas na escalada.

Seguindo as ideias de Simondon (2005), procurei refletir sobre a operação técnica e as tecnologias enquanto *mediação* entre o corpo humano e corpo pedra, e como ambos os corpos são modelados no devir desse encontro. Isto é, como as formas já implícitas na matéria corpo pedra também transformam os mediadores técnicos e tecnológicos. Afinal, a individuação parte desde o germe de todas essas matérias, até a relação entre as forças de ação que são propagadas durante o encontro, ou seja, no processo de transformação simultânea tanto do corpo humano com o corpo pedra e vice-versa, bem como com e a partir dos equipamentos-objetos.

Inicialmente, a escalada justamente por não ter um objetivo esportivo, mas sim um sentido particular de dominação de territórios, fazia-se valer de qualquer objeto que ajudasse os conquistadores a progredir mais rapidamente e sem tanto esforços físicos.



a escalada em artificial é quando as proteções são usadas como pontos de apoio, em que o escalador se ergue ou pisa. Muitos cumes foram conquistados valendo-se de cabos de aço, varas de bambu, degraus, enfim, subia-se como fosse viável. A partir da segunda metade da década de 60 os cabos de aço caíram em desuso e foram gradativamente removidos de muitas vias. (Daflon, 2010, p. 29 apud Carvalho, 2013, p.)

É nos anos 80 com o surgimento das primeiras peças de *proteção móvel*, como os *friends*, que se inaugura uma nova era de mobilidade vertical na escalada. A proteção móvel é *entalada* na rocha e depois removida. A *escalada em móvel* se consolida não apenas como uma forma de proteção, mas como um valor, sendo chamada de *escalada limpa, natural ou ecológica* (Carvalho, 2013). Foi o surgimento desse tipo de equipamento que possibilitou que os escaladores pudessem *se livrar* de alguns suportes artificiais para a progressão e para a proteção na rocha, projetando cada vez mais o seu próprio corpo, de forma autônoma, sobre a pedra. Assim, *se livrar* dos equipamentos é ter livre as mãos e os pés para a realização de novas movimentações na rocha.

O valor humano do gesto não se encontra, pois, na mão, cuja condição suficiente consiste em estar livre durante a marcha, mas, precisamente, na marcha vertical e nas sequencias paleontológicas que dela derivam no domínio do desenvolvimento do aparelho cerebral (Leroi-Gourham, 1964, p. 38).

Na escalada livre, ao utilizar somente o corpo como ferramenta para progredir na rocha, instaura-se também uma nova relação entre corpo-equipamento-pedra, isto é, cada vez menos mediada por tecnologias como *aço, grampo, parafusos, estribos, pitons* e *cliffhangers* para se progredir na rocha. Valendo-se apenas de tecnologias para a proteção da queda, através das costuras que são realizadas pelo escalador com a corda e os mosquetões nas ancoragens fixas, ou nas proteções móveis, como os já citados *friends*.



Segundo Carvalho (2013), o que deve ser levado em conta é que tanto a “escalada em artificial” como a “escalada em livre” transformaram-se técnica e tecnologicamente. Os equipamentos tornam-se menores, mais leves, precisos e resistentes. O que realmente mudou foi à forma como alguns escaladores passaram a encarar as proteções, fazendo com que a *escalada livre em móvel* se tornasse o símbolo e o ápice de um “atletismo ecológico”.

Ao projetar livremente os pés e as mãos na rocha, utilizando cada vez mais a força de seus dedos, membros e corpo, o escalador não apenas contribui para uma menor intervenção física na rocha, mas, sobretudo, transformava tecnicamente a sua movimentação. Assim, um corpo mais atlético, *forte e leve*, passa a ser um fator importante para um bom desempenho na *escalada livre*. Não à toa, quando um escalador consegue *encadenar* [10] uma via, realizando uma movimentação exemplar na rocha, os participantes da escalada gritam ao final da via para o escalador: *máquina!* Mas a energia e a resistência corporal compõem táticas que envolvem não apenas técnicas corporais [11], mas habilidades (skills) que vem sendo desenvolvidas por parte dos *escaladores em livre*, sobretudo ao longo desses últimos anos da atividade no mundo.

Por outro lado, não é possível descartar totalmente as tecnologias da “escalada em artificial”. Existem rochas lisas, e muitas vezes sem agarras, tetos horizontais e outras formações da pedra, cuja necessidade de dispositivos artificiais para a progressão do escalador é imprescindível. Sem essa tecnologia, em muitos casos, não existe *corpo máquina* e nem menos técnica corporal que resolvam certas passagens “humanamente impossíveis” de serem realizadas sem a utilização de objetos. Ou seja, muitas vezes não é possível *livrar* a rocha de intervenções ou equipamentos para a realização de progressões amplamente autônomas por parte do corpo dos escaladores.

Mas quando algumas rochas são livradas de suas passagens em artificial, como aconteceu em novembro de 2019 com a nova via “Origens” no teto da Pedra do Baú, sua história é recontada ao



tornar-se, após o livramento, a via mais difícil do Brasil. Contudo, o livramento da via foi realizado por um dos escaladores da seleção olímpica brasileira, Cessar Grosso, isto é, um corpo que não dispõem, apenas, de técnicas corporais comuns a escalada, mas trabalha com habilidades muito específicas diante de cada contexto [12].

Ou seja, até aqui podemos notar que é a rocha quem *indica* quais são os equipamentos que serão utilizados em sua superfície. Por mais que o desejo dos escaladores e conquistadores com quem dialogo seja em não furá-las ou machucá-las, é a partir da própria matéria rochosa que será decidido o caminho e as ferramentas necessárias a serem utilizadas pelo escalador durante a passagem.

Nitidamente, essa é uma condição em que a rocha se apresenta ao conquistador, que tão logo, ao longo dessa conversa-conquista, encontrará um caminho não apenas visível, mas também estético, isto é, que produza movimentações bonitas, desafiadoras e novas para o escalador que escolher tal linha. Pedro comenta em suas redes sociais sobre algumas vias:

Mega clássico!!!! Textura, cor, movimento, agarras...tudo muito perfeito nessa linha pura. A melhor escalada é a que você está fazendo, o melhor lugar é onde está agora!!!!!! Viva o Climb

Incrível "Trem pra Machu Picchu" V8✓ Das linhas mais lindas em questão de movimentação, estética, plasticidades, agarras e tudo mais que vc espera viver numa pérola 😍😍😍 super recomendável do Monjolinho e na minha opinião o mais bonito até agora ...😄😄😄 Bora pros próximos!! Mais uma menos uma!!!! Vamossss

Sempre muito bom escalar linhas novas com novas sequências de movimentação!!!! Viva o Climb!!!! Vlw a session matinal!!!!

Se a rocha é quem *indica* quais são os equipamentos e as possibilidades de linhas, isto é, as tecnologias a serem utilizadas em sua superfície para a progressão ou proteção dos escaladores, é ela também quem *indica* quais são as habilidades que devem ser desenvolvidas para aquele lance,



ou seja, para cada movimentação do escalador na rocha. Mas enquanto um índice não quer dizer que o conquistador ou o escalador sigam estritamente os sinais da rocha. Mesmo que exista uma fenda na rocha, o conquistador pode escolher, mesmo assim, furá-la e fixar uma proteção, ao invés de escolher deixar a rocha livre para que sejam entaladas as proteções móveis como os *friends* [13].

Se as agarras da rocha, isto é, suas saliências ou profundidades, produzem movimentações corporais específicas, um bom escalador é aquele que tem uma boa percepção das pedras, sobretudo ao desenvolver um repertório próprio a partir de outras pedras e linhas já

experimentadas ao longo de sua vida. Ou seja, ele é capaz de executar um número extenso de diferentes movimentações na rocha, sobretudo ao desenvolver habilidades corporais que vão muito além das técnicas corporais difundidas no meio da escalada. Ou seja, é preciso *confiar em seu corpo* e em suas habilidades para realizar boas movimentações com a rocha. Desta forma, apesar de inúmeros escaladores se projetarem sobre uma mesma linha, a movimentação de cada escalador com a rocha é única, pois depende de variáveis corporais como força, alongamento, resistência, altura, peso e, inclusive, psicológico, como costumam dizer os escaladores. Além do ambiente, como já foi citado anteriormente, a temperatura e a umidade são também variáveis importantíssimas na escalada.

Escaladores profissionais e professores como Arno Ilgner [14] comentam sobre a importância da “movimentação contínua” na rocha.

O movimento não se trata empilhar um monte de movimentações individuais juntas. *O movimento é criado quando permitimos que nossos corpos fluam pelas movimentações individuais, conectando-as.* Devemos atingir dois objetivos para criar movimento: *confiar no corpo e diminuir a interferência mental. Confiar no corpo significa que entramos e exploramos seu conhecimento inato de movimentação. O corpo sabe como manter o equilíbrio.* Mesmo quando estamos em posições estranhas durante a



escalada, o corpo nos direcionará a agarras de mãos-e pés para podermos estar equilibrados. O segundo objetivo é diminuir a interferência mental. A mente precisa de tempo para pensar. Se fizermos movimentações individuais, a mente terá muito tempo para pensar sobre cada uma. Fazemos um movimento, paramos e pensando sobre o próximo, e depois o realizamos. Isto faz com que paremos e andemos com frequência, interrompendo o movimento. *Para diminuir o pensamento devemos escalar continuamente.* Fazer isto muda a situação mais rapidamente, e assim a mente tem mais dificuldade de tardar em cada passo, criar dúvida e interferir com o movimento. *“Continuamente”, no entanto, não significa rapidamente.* O objetivo é mudar a situação com maior velocidade. Portanto, dar pequenos passos funciona melhor para criar uma escalada mais contínua do que escalar mais rápido. *O objetivo é mover o corpo para que ele se mantenha no processo.* Dando pequenos passos e escalando um pouco mais rápido do que o normal é o bastante para manter o corpo no processo. A mente precisa de tempo para analisar a situação, e é o que ela faz se ficarmos em posições estáticas. Ao mudar a situação com mais velocidade, não damos à mente uma oportunidade de ficar presa em qualquer posição estática.[...] *Quando escalamos, precisamos permanecer em movimento para criar um ritmo.[...] O objetivo de escalar continuamente é criar movimento.*

Essa passagem a respeito da criação de movimentação e do ritmo na escalada me remete diretamente às proposições de Leroi-Gourdam (1964, p. 117), sobretudo, a respeito da maquinização do corpo e, conseqüentemente, do decréscimo da humanização do mesmo.

Os ritmos, pelo menos para o sujeito são criadores do espaço e do tempo; espaço e tempo só existem, como vividos na medida em que se tenham materializado num invólucro rítmico. Os ritmos também são criadores de formas. Aquilo que foi dito mais atrás acerca da ritimicidade muscular aplica-se a priori às operações técnicas que acarretam a repetição de gestos a intervalos regulares

Para que um movimento na rocha seja realizado com sucesso, é preciso conhecer por meio da experiência as variáveis de saliências e depressões das rochas, e quais são as técnicas ou habilidades corporais que elas implicam, produzem, ou ativam. Tal informação – seguindo as proposições de Simondon (2005) sobre a forma e a informação – exige que o escalador



desenvolva, ou melhor, se envolva, com mais intensidade com as rochas ao longo de um ritmo próprio, orquestrado através das variáveis já citadas – força, alongamento, psicológico – que podem vir a ter seu corpo nos mais diversos contextos de encontro com a coisa-rocha.

Muitos pensam que é nas mãos onde o escalador irá depositar a sua energia motora, contudo, são os pés a base da escalada. Um bom exemplo para essa lógica é pensar como se sobem as escadas. A força se concentra nas pernas, enquanto as mãos, ao segurar no corrimão, servem para que o corpo se equilibre durante a progressão dos degraus. Existem muitos termos na escalada tanto para as técnicas dos pés, quanto das mãos. Dos pés, por exemplo, podemos citar algumas como:

Edging e Smearing – Interno e Externo: você pisa em um aperto com a borracha na borda da sapatilha. Pode usar a borda interna, onde seu dedão oferece estabilidade em flechas menores, ou você pode usar a borda externa. *Sua escolha depende da direção que você precisa mover para entrar ou sair do controle.* O “smearing” ou Aderência acontece quando você não tem uma posição real, então você confia na borracha do seu sapato para fricção contra a rocha. A Aderência é útil na escalada de placas, quando você está em um ângulo baixo sem muitos pontos de apoio definidos. Quando você buscar Aderência, procure por pequenas depressões ou protuberâncias que darão um pouco de atrito extra. Você também pode utilizar o “Foot Hook” (Pé em gancho): muito usado na escalada esportiva, se usa o calcanhar ou a parte superior do pé, podendo ser o bico ou o peito do pé. Muito usado em saídas de teto, em tetos e arestas [15].

As *táticas de footwork* (trabalho de pé) consistem desde manter os pés abaixo do corpo, a imobilidade deles para um maior controle do próximo passo a ser dado, o posicionamento do calcanhar para baixo, para que haja maior contato com a parede. O trabalho dos pés consiste em uma precisão de contato com a rocha que muitas vezes pode causar lesão nos dedos dos pés dos escaladores. A *sapatilha* de escalada em muito se assemelha às sapatilhas de ballet, onde a ponta dura espreme os dedos para que haja tal precisão no movimento.



As lesões corporais, como em todas as atividades, são um problema para os escaladores. Contudo, uma mão calejada pelas rochas é sinal experiência e resistência corporal. Assim, o corpo apesar de tornar-se cada vez mais pedra, abrasivo e sólido, ao contrário, permite uma maior sensibilidade e percepção durante o encontro com as rochas. Desta forma as mãos retornam também ao seu uso de instrumento para a locomoção, algo que provavelmente Leroi-Gourdham jamais teria imaginado ocorrer com este “homem da idade moderna das pedras”. Como costumam dizer meus interlocutores, para tornar-se escalador, é preciso desenvolver *mãos de primata*.

Mas são tantas as técnicas e habilidades relevantes para essa atividade, muito além dos pés e das mãos, que envolvem também todo o corpo, como na resistência e na energia corporal necessárias para se percorrer as rochas. Assim, dizem os escaladores que é importante manter o corpo o mais próximo da rocha para que os músculos não se estressem, ou manter os braços retos para que o esqueleto tome a maior parte do peso e não os músculos. Existem também técnicas para desenvolver um melhor equilíbrio do corpo, como pressionar o pé na direção oposta da puxada para criar contrapressão, ou inclinar-se com força e utilizar o peso corporal como contrapeso. Essas são algumas das técnicas que podem ser descritas e encontradas em diversos blogs de escalada, por exemplo.

O modo de ação específico da mão, visto que tal é de primordial importância quando se trata de analisar o comportamento técnico humano, esta ação específica da mão traduz-se pelo efeito vulnerante que as unhas podem ter, pelas operações de preensão digito-palmar e pelas operações de preensão interdigital. Um quarto termo, relativo às alavancas do antebraço e do braço, deve permitir-nos analisar o comportamento gestual no domínio técnico, traduzindo ao mesmo tempo, por movimentos de translação e rotação, a apresentação do utensílio manual e o seu impulso. (Leroi-Gourdham, 1964, p. 35)

Se Leroi-Gourdham nos atenta a analisar a máquina corporal em seu conjunto, Mauss nos instiga a investigarmos as técnicas corporais amplamente difundidas e comentadas no meio da escalada



através de livros e blogs, Ingold nos alerta para outras variáveis que devem ser levadas em consideração quando falamos de habilidades corporais, isto é, a experiência de se fazer fazendo, em continuidade com as coisas e com o ambiente. Desta forma, é possível sinalizar que a escalada se configura como campo fértil para esse tipo de reflexão que quer pensar não somente o corpo, mas também as tecnologias, as técnicas e as habilidades corporais. Assim, trago algumas descrições dessas relações entre corpo-materialidade-ambiente para que seja possível notar a complexidade e multiplicidade de movimentos possíveis que podem ser realizados com e a partir das rochas.

Outro ponto relevante, e que eu não poderia deixar de comentar, é o efeito que as distintas materialidades das rochas têm sobre o corpo e também sobre as tecnologias de conquista e escalada. Cada rocha possui uma qualidade específica no que diz respeito a sua materialidade e, sobretudo, a sua porosidade. Para Simondon (2005, p. 66), existe uma variedade de qualidades nas materialidades, em particular aquelas relativas aos estados de superfície, como o liso, o granuloso, o polido, o rugoso, o aveludado, que designam formas implícitas estatisticamente previsíveis. No caso da escalada, a porosidade da rocha, por exemplo, indica a aderência da pele humana das mãos e da borracha das sapatilhas com relação à superfície da rocha.

Cada rocha possui uma composição química diferente, a qual se ajusta no momento de sua formação. Isso determina tanto o nível de porosidade como de aderência. Para saber qual a frequência deveríamos escovar agarras de escalada de uma via, segundo o tipo de rocha, é importante saber qual a capacidade de absorção de água possui a rocha. Ou seja, saber sua porosidade primária e suas diaclases (fraturas que dividem as rochas em blocos) que, no nosso caso, *seria impactado pelo suor de nossas mãos com o magnésio. Outro fator, também importante, que temos de saber é o clima, que pode mudar completamente a textura da rocha por conta da umidade. Portanto se temos clima muito úmido, ou ainda muito fresco, deveríamos dedicar um tempo exclusivo para escovar as agarras, sobretudo quando finalizar uma via de escalada. O ato de escovar bem as agarras neste tipo de clima é essencial para que não se forme uma crosta de magnésio junto com a umidade, somado a isso o suor de nossas mãos, que atuam anulando a porosidade e, portanto, a aderência da rocha [16].*



A porosidade da rocha, portanto, é um fator importante e que produz efeitos sobre o corpo do escalador. A sensação de escalar uma rocha com um índice de porosidade menor implica na sensação corpórea de deslizamento. Implica também na utilização de habilidades diferenciadas de força e tato com as mãos e o corpo, por exemplo. Ou ainda, implica também nos distintos equipamentos que serão utilizados para a realização da escalada. Tiago Brandão explica que em rochas como o granito, cuja porosidade é maior, a tendência é que os escaladores utilizem uma técnica de pinça e força nas pontas dos dedos, ao contrário de rochas como o arenito, cuja força das mãos irá se concentrar mais nas palmas.

Além disso, entre os escaladores, *limpar e escovar* a rocha durante a escalada se configura como uma ação de cuidado e de ética importantes. Ao escalar e utilizar o magnésio para uma melhor aderência das mãos à rocha, como consequência, produz-se uma pasta de magnésio com o suor do corpo. Esta pasta branca fica grudada nas agarras e atua como uma barreira impermeável, que acarreta em uma perda de aderência da pele à rocha, isto é, o magnésio tapa os poros da rocha. E se chove, a situação piora: os cantos impregnados de magnésio demoram mais a secar e a umidade, como todo escalador bem sabe, é um entrave para uma boa escalada.

A *rocha babada*, por exemplo, impede ou aumenta a dificuldade da escalada. É aí onde outras entidades mais que humanas, como a chuva, o sol e o vento também compõem a paisagem das rochas e montanhas junto aos escaladores. A *secura* da rocha e das mãos dos escaladores, por exemplo, é essencial para um bom *grip (pegada)* na rocha. Assim, é durante as noites do inverno frio e seco do sul de Minas que muitos dos meus interlocutores dizem ser temporada predileta de escalada na região. O verão, com o calor, chuvas e umidade, restringe a escalada na maior parte das pedras da Serra da Mantiqueira. *Com a rocha babada, não tem climb.*

Por isso *se não cuidarmos da rocha*, as escovando pelo menos no final da atividade, chegaremos a um ponto em que muitas dos lugares de escalada



deverão fechar as vias e setores para que, sem exagero, *a rocha se oxigene e se limpe com o tempo pelas chuvas, ar e inatividade*. [...] Caso não seja nós escaladores que cuide, ninguém o fará. Por isso temos de agradecer o grande esforço que fazem os conquistadores de vias de escalada por preparar as linhas mais interessantes e ousadas para que, posteriormente, desfrutemos delas, já que é um presente da natureza [17].

Com o passar do tempo, o efeito do magnésio sobre as rochas pode, inclusive, *aumentar o grau de dificuldade* das vias de escala, devido à deterioração acelerada das agarras e dos cantos da rocha, reformulando a história daquela rocha, isto é, daquela via de escalada.

Todavia, não se pode estender de maneira puramente analógica, o paradigma tecnológico à gênese de todos os seres. A operação técnica é completada num tempo limitado; após a atualização, ela deixa um ser parcialmente individuado, mais ou menos estável, que tira sua exceção dessa operação de individuação, tendo constituído sua gênese num tempo bem curto; o tijolo, ao cabo de alguns anos ou de alguns milhares de anos, volta a virar pó. A individuação é completada de uma só vez; o ser individuado nunca é mais perfeitamente individuado do que quando ele sai das mãos do artesão. (Simondon, 2005, p. 54).

A porosidade das rochas tem efeito também durante a abertura de vias de escalada. Como comenta Brandão, “o arenito é uma rocha mais fácil de furar do que o granito, por isso, as chapeletas e grampos são fixados com mais facilidade”, ou seja, a força que o conquistador aplica sobre a superfície da rocha é menor no arenito do que no granito. Por outro lado, os grampos e as chapeletas, que serão fixados pelo conquistador precisam ter maior profundidade. Tiago ainda complementa que, mesmo em rochas consideradas *duras*, como é o caso do granito, existe áreas onde a furadeira entra com mais facilidade do que em outras ao longo de sua superfície. Ou seja, a uniformidade da dureza da rocha ao longo da parede também pode ser variável numa mesma rocha.



Os gestos do obreiro nunca são exatamente os mesmos; o esquema talvez seja um único esquema, do início até o fim do trabalhado, mas cada moldagem é governada por um conjunto de acontecimentos psíquicos, perceptivos e somáticos, particulares. A verdadeira forma, aquela que dirige a disposição do molde, da pasta, o regime dos gestos sucessivos, muda de um exemplar para o outro como outras tantas variações possíveis em torno do mesmo tema; a fadiga, o estado global da percepção e da representação intervém nessa operação particular e equivalem a uma existência única de uma forma particular de cada ato de fabricação, traduzindo-se na realidade do objeto; a singularidade, o princípio de individuação, estariam estão na informação. (Simondon, 2005, p. 69).

A matéria muito além de ser inerte, impõem limites prévios à operação técnica a partir de suas topologias e formas implícitas. A operação artesanal pode negar a historicidade da matéria naquilo que ela tem de humano e subjetivo; mas essa historicidade, ao contrário, é conhecida por quem aportou a matéria, e é valorizada por ser depositária de algo subjetivo, por exprimir a existência humana (Simondon, 2005, p. 72).

A coautoria na obra conversa-conquista

Stoniness, then, is not in the stone's 'nature', in its materiality. Nor is it merely in the mind of the observer or practitioner. Rather, it emerges through the stone's involvement in its total surroundings – including you, the observer – and from the manifold ways in which it is engaged in the currents of the lifeworld. The properties of materials, in short, are not attributes but histories (Ingold, 2007, p. 15).

Outra importante ação a ser realizada pelo conquistador durante a obra-conversa-conquista é logo após a finalização da via, *sugerir a graduação* da linha. Cada via aberta possui um nível específico de dificuldade e para que elas sejam graduadas, é necessário estudar o caminho, refazendo-o algumas vezes após a conquista. Tradicionalmente, quem abriu a via também a *batiza*



com um nome, e logo após, desenha um *croqui* do caminho [18], este que indica quais são os materiais e dispositivos necessários para a realização da via em específico, indica também os *betas* e *crux*, e toda informação que possa vir a ser importante para o escalador que desconhece a linha.

Conforme as dificuldades e facilidades que o caminho apresenta, o conquistador *sugere* uma graduação para a via. Por mais que existam regras e indicativos internacionais para se graduar uma via, é comum acontecer dos escaladores não concordarem com a sugestão do conquistador, por exemplo. Afinal, como esclareceu Brandão em nossa conversa, estamos tratando de corpos distintos, uns maiores, outros menores, e que possuem diferentes resistências e diferentes repertórios de movimentação na rocha, isto é, muito além de técnicas corporais, trabalham suas habilidades diante de uma novidade de caminho nunca antes percorrido que envolve, como já comentado anteriormente, variáveis de corpo-materialidade-ambiente.

Por isso, para que se graduar uma via, é preciso de muitas incursões de distintos escaladores e, logo após, um consenso entre a opinião deles e a do conquistador. Aqui, podemos notar como o ato de graduar, escalonar e regular, compõem uma cartografia das controvérsias (Latour, 2007) diante da rede de escaladores e as linhas das pedras. Pedro comenta em suas redes sociais sobre uma subida em uma linha desconhecida em Luminosa – MG, município vizinho a São Bento do Sapucaí:

Conhecendo os clássicos de Luminosa e na volta ainda conhecemos o bloco do Chá e fizemos essa linha que não sabemos nome nem graduação "Problema do Chá" V4? E os três primeiros vídeos são do setor de Luminosa, deve ser na casa de V2, V3 e V4/5??? Graduar é muito difícil, mas a diversão é garantida!".

"Primeiro dia de Férias" V7 ✓ Conheci como V6 e foi aberto como V8, tô sugerindo V7 ... hahahaha ... Graduação sempre bem relativa... Na minha opinião pode ser V7 sólido!! Saiu na quarta rodada de pegadas, sendo que cada rodada eram de dois a três pegadas, quando saiu nem acreditei... o climb tem dessas, quando a gente acha que nada está acontecendo, a mágica acontece!!!!

Neste primeiro traço, o da conquista, já nos deparamos com a possibilidade de uma miríade de histórias. A linha em questão nunca é algo dado, se trata de uma construção conjunta de autoria tanto do escalador



quanto da rocha-escalada e, em cada caso, varia a intensidade da presença dos autores. Tomemos uma típica via de escalada esportiva ou de bouldering, onde as características da rocha devêm agarras na medida em que a rocha devêm rocha-escalada: o escalador traça uma linha que unirá as ditas características em uma sequência dotada de sentido; temos, portanto, um processo claro de co-autoria entre as partes. Se, no entanto, a via é traçada em uma fenda, então o traço do humano não aparece com a mesma intensidade, pois o que se faz aqui é apenas seguir uma linha já existente na própria rocha, anterior ao seu devir-rocha-escalada; a autoria do escalador é menor. Outra possibilidade, embora menos presente por ir de encontro aos valores correntemente afirmados na escalada, é a confecção de vias cavando ou colando agarras nas rochas; aqui a autoria do escalador é mais pronunciada. Há, ainda, o método da conquista: ela foi feita de cima para baixo, rapelando e batendo proteções fixas na rocha? Ou de baixo para cima, escalando e efetivamente conquistando a via? Linhas adicionais que tornam a rocha-escalada centro de intensos embates políticos. *Traçar uma linha neste contexto não é um ato trivial, é escolher fazer uma história dentre muitas possíveis.* (Santos, 2019, p. 3)

É possível compreender que na conquista existe um processo nítido de coautoria, como também percebeu Santos (2019). Além disso, Mateus me conta que “não pode mexer em nada sem conversar com quem conquistou, porque se não vira bagunça e quem sofre é a rocha”. Deste modo, se existe ego em torno do trabalho do conquistador, ele pode ser questionado, por exemplo, através da graduação da via. Mas jamais a via pode ser modificada fisicamente, isto é, ser adicionado ou retirado grampos de proteção, por exemplo. Mateus escreve em suas redes sociais:

Entremo numa fenda linda, contando q tinha alguma redonda pra rapelar e nada.. *nao podiamos furar pq precisa do aval do conquistador*, intalemo 2 knot, test and rapel down safe ☺ Acredito q precise de pelo menos uma redonda ali ja q a via muda o estilo e graduação sendo q ja esticamos uns 25mts de corda. Mas quem sou yo?!



Se por um lado a modificação física da via por não autores humanos é algo complexo de ser realizado, a questão da graduação, por sua vez, é algo parcialmente aberto. Posto que, a graduação pode vir a ser modificada pela ação do tempo e ambiente, entidades mais que humanas, ou mesmo pela ação contínua dos escaladores, ações essas que podem tornar a graduação algo, de fato, impermanente. “Via nova no Fradinho ‘Última chamada’ 8c?? Quebrou uma agarra intermediária, tem que fazer de novo!!”, escreve Pedro em suas redes sociais.

Afinal, quem disse que uma pedra não se move ao longo do tempo? Enquanto coisa [19], uma pedra pode ter suas agarras rompidas segundo a ação humana sobre elas, assim como responder a ação das chuvas, vento e calor. Ainda que silenciosas, as pedras também estão em fluxo perpétuo, isto é, estão vivas.

Onde há vida, há movimento. Nem todos os movimentos, no entanto, sinalizam vida. O movimento da vida é especificamente tornar-se, ao contrário de estar, é de renovação ao longo de um caminho ao invés de deslocamento no espaço. (Ingold, 2013, p. 18).

Desta forma, entende-se que as rochas são materialidades animadas, estão e produzem um mundo em formação, tanto de seus corpos, quanto dos corpos dos escaladores. Elas agem sobre os humanos com respostas as intervenções feitas por eles, ou ainda, quando conversam e indicam o melhor caminho já implícito em sua matéria. Além disso, de modo geral, elas proporcionam transformações no pensamento, no afeto e no corpo dos escaladores, mas também respondem ao ambiente. *Afinal, as abuelitas esquentam, suam, cortam, machucam, e também ensinam.*

Outro ponto comentado por Santos (2019) é que com relação ao modo com que é feita a conquista. De cima para baixo ou de baixo para cima? Alguns locais de escalada tradicional, como a Pedra do Baú, ficou convencionado com a comunidade local de escaladores que as vias só seriam



abertas de “baixo para cima”. Na convenção estabelecida, nunca seria praticada a conquista “de cima para baixo” (utilizando rapel).

Este tipo de convenção é estabelecido pelos escaladores locais de cada localidade. Mesmo que alguém não concorde, nada o autoriza a quebrar estas regras. Como não há uma lei formal (homologada pela justiça e etc), pode ser que o responsável por quebrar a ética local tenha de responder à própria comunidade de escalada [20].

Conforme procurei pontuar ao longo desse texto, entendemos que existe uma ética específica não apenas na escalada, mas também no que diz respeito à conquista das vias. Mas essa ética, apesar de ser consensual em muitos lugares, não é universal, mas sim recheada de controvérsias, vide o caso de *graduação das vias*. Afinal, quais rochas estão em *propriedades privadas*? Quais rochas são *patrimônio natural* como a Pedra do Baú? Quem são esses escaladores? Quem são os conquistadores? Quem é essa comunidade de escalada?

Ao patrimonializar uma rocha, como é o caso da Pedra do Baú em São Bento, surgem consigo uma série de regras da comunidade da escalada que frequenta o local, diferentemente de rochas silenciosas entre os vales e encostas de Minas Gerais, isto é, rochas menos “visíveis”, “audíveis” e “conhecidas” pela comunidade de escaladores, por exemplo.

Se Ingold (2007) sugere que as propriedades dos materiais são mais histórias do que atributos, a patrimonialização da matéria rochosa, e todas as outras narrativas contidas nesse breve relato, como os nomes dados pelos conquistadores às vias ou as qualidades da matéria rochosa aos sentidos dos escaladores, sugerem uma miríade de agenciamentos, relações e histórias que ainda pouco, ou nada, foram – utilizando os termos nativos – conquistadas e descobertas pela antropologia. Talvez, apenas aqueles como Carvalho (2013) e Santos (2019), que assim como eu, foram afetados e conquistados pelas próprias pedras, começam recentemente a relatar algumas dessas histórias numa perspectiva antropológica.



Além disso, muitas outras problemáticas poderiam ter sido levantadas a respeito da escalada e da conquista. Afinal, que corpos são esses que escalam? Que corpos são esses que produzem tais narrativas? Como se pode perceber, a escalada nasce num contexto militar, onde são os homens que detém, a princípio, esses saberes.

Mas não podemos invisibilizar as várias mulheres que muito além de serem desafiadas pelas rochas, desafiaram a hegemonia masculina com relação a esses saberes e habilidades corporais. Vó Tei é quem me atenta para as suas investidas na Pedra do Baú desde os anos 40. Hoje, muito além de tornarem-se escaladoras, mulheres se adentram também no feitiço da obra-conquista. Em um site especializado em vias conquistadas no Brasil, onde é possível encontrar desde o croqui de linhas e outras informações como a localização, a data de abertura, a modalidade, a extensão, a face, e o nome dos conquistadores. Uma via em especial me chamou a atenção: “Ni'um Homizin”, aberta por cinco mulheres em 2007 nas proximidades de Teresópolis, RJ.

A individuação dos objetos não é inteiramente independente da existência do homem; o objeto individuado é um objeto individuado para o homem: há no homem uma necessidade de individuar os objetos, que é um dos aspectos da necessidade de se reconhecer e de se reencontrar nas coisas, e de nelas se reencontrar como ser que tem uma identidade definida, estabilizada por um papel e uma atividade. (Simondon, 2005, p. 73).

O objetivo desse artigo foi apresentar, para além das tecnologias e habilidades que envolvem a conquista e a escalada, algumas narrativas tecidas ao longo desse emaranhado de relações entre humanos e mais que humanos, sobretudo a partir de suas próprias paisagens de encontro, a obra-conquista, a escalada e o montanhismo. Nota-se como o encontro entre corpo-equipamento-pedra se apresenta em múltiplas dimensões, relações estas que ultrapassam divisões físicas e estéticas ao percorrem vias e linhas abertas também ao por vir. Cada rocha é única, diversa em sua materialidade e porosidade, aberta a multiplicidade de formas, fendas, saliências e agarras.



Aberta, portanto, a modelação dessas formas implícitas, quando se tornam linhas de escalada conforme os movimentos possíveis ao longo do encontro com os corpos humanos que, a cada progressão, coabitam ainda mais com as pedras. Tornar-se com elas é, portanto, empedrar-se a cada novo lance. Deste modo, tanto as pedras quanto os humanos seguem em seus processos de

individuação simultâneos, correspondentes, e muitas vezes articulados, de vir a ser, isto é, transformar-se e tornar-se com. E como me dizem os meus amigos-interlocutores, “Maju, se você quer aprender sobre tudo isso que estamos falando, vai pra rocha!”. Para sentir, ouvir e aprender com as *abuelitas pedras* é preciso coexistir e conviver com elas, não há outra via.

Bibliografia

CARVALHO, Luisa Resende. **Entre rochas e muros**: etnografia da escalada no Distrito Federal. Monografia de graduação apresentada ao Departamento de Antropologia – DAN – da Universidade de Brasília – UnB. 2013

HALLAM, E. & INGOLD, T. **Making and growing**, Ashgate, 2014.

INGOLD, T. **The perception of environment, essays in livelihood, dwelling and skill**. London, Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. **Materials against materiality**. *Archaeological Dialogues*, n. 14, p. 1-16. Cambridge, 2007.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais.

Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, June 2012.

INGOLD, Tim. Pensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, jul./dez. 2013

LATOURE, B. **La cartographie des controverses**. *Technology Review*, 0:82-83. 2007

LEROI-GOURHAM, A. **Le geste et la parole**, Paris, Albin Michel, 1964, 2 vols.

MAUSS, M. “As técnicas do corpo” In: __ MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**, São Paulo, Cosac & Naify, p. 399-424. 1934



SANTOS, Caio. O escalador e a rocha-escalada. **ClimaCom** – Fabulações Miceliais [Online], Campinas, ano 6, n. 14, abr. 2019 . Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=10705>

SAUTCHUK, Carlos E. “Aprendizagem como gênese: prática, *skill*, individuação”, **Horizontes antropológicos**, 21 (44), p. 109-139, 2015

SIMONDON, G. **Du mode d’existence des objets techniques**, Paris, Aubier, 1958

SIMONDON, Gilbert. L’individuation à la lumière des notions de forme et d’information, Grenoble, Millon, 2013 - **A individuação à luz das noções de forma e de informação** (São Paulo, editora 34). 2005.

STRATHERN, M. O efeito etnográfico, in: **O efeito etnográfico e outros ensaios**. SP: Cosac&Naif. 2014

GUATTARI, Feliz. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo; Ed. 34, 1992._

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021



[1] Esse artigo nasce de um encontro de vida junto às leituras da disciplina “Semânticas da Criação” ministrada pela prof. Dr. Fernanda Áreas Peixoto no departamento de Antropologia da USP ao longo do primeiro semestre de 2020. Agradeço a Fernanda pela leitura da primeira versão do artigo e pelo estímulo a publicação do mesmo. Agradeço também a leitura da segunda versão pelo prof. Dr. Luis Felipe Kojima Hirano, cujos comentários foram imprescindíveis para uma melhor elaboração da teoria ingoldiana junto à prática da escalada.

[2] Pesquisadora e artista caíçara da Serra da Mantiqueira, graduada e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, mestranda em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). E-mail: maju.vicentin@gmail.com

[3] Durante a escalada, para quem está subindo a rocha (*ascensão*), e sobretudo para os iniciantes, visualizar essas linhas de caminhos na rocha pode ser difícil. Visualizar onde estão as agarras, as saliências e as cavidades, onde o escalador irá se segurar, envolve escolher uma direção na rocha, que é o próprio caminho da via já aberta anteriormente por alguém. Assim, é preciso seguir os passos do “conquistador da via”, este que trabalhou na primeira visualização da linha e “abertura do caminho”. É ao longo deste caminho onde estarão os grampos de proteção que foram fixados na pedra por ele. São essas proteções fixas aonde o escalador irá *costurar* e *clipar* a corda a cada etapa da subida, para se caso haja uma queda, o escalador esteja suspenso e seguro pelo sistema de proteção instalado na rocha. Quem está no solo também protege o escalador, fazendo a *seg* (segurança), tracionando a corda através dos equipamentos de proteção. Normalmente, quem está no solo, fazendo a segurança do escalador, por ter outra visão da pedra, ou por já conhecer anteriormente a via, pode indicar *betas* (dicas) sobre o caminho para o escalador que está subindo. Assim costumam fazer meus amigos escaladores nas poucas vezes que estive com as pedras, pois enquanto aprendiz dessa arte da escalada, ainda tenho dificuldade para enxergar esses caminhos de agarras. Outro indicativo que ajuda a observação do caminho que se deve fazer na rocha é seguir as marcas de magnésio que são deixadas pelos escaladores. O magnésio serve para “ressecar” a mão do escalador a fim de que, com o suor da subida, a mão tenha mais aderência às agarras.

[4] Os termos em itálico são designações nativas.

[5] Fonte: <http://bitomeyer.blogspot.com/> Acesso em: 04 de agosto de 2020.

[6] Neste sentido, não poderíamos trabalhar com uma noção, apenas, de técnica corporal como propõem Mauss. A ideia de habilidades (skills) desenvolvida por Ingold (2000, p.352), esta que relaciona corpo-materialidade-ambiente, nos indica um caminho mais profícuo para a compreensão da relação dos conquistadores e escaladores com a paisagem. Afinal, como será argumentada ao longo do texto, a conquista de vias não é uma técnica que pode ser pré-determinada, isolada e transmitida. A conquista, assim como o corpo do escalador, está em constante relação com as coisas, materialidades, ambiente, múltiplos e variáveis, tomados todos eles em continuidade. Desta forma, seguindo a noção de habilidade Ingoldiana, a conquista de vias e a escalada implicam também na improvisação corporal e na criatividade ao se relacionar com entidades mais que humanas que também estão em seu processo de devir. Isto é, as pedras, neste sentido, são tomadas enquanto seres que também se modificam ao longo da vida, seja através do ambiente, chuva, vento, temperatura, seja através da ação dos escaladores, tema esta que será melhor desenvolvido ao longo do texto.

[7] Fonte: <http://bitomeyer.blogspot.com/> Acesso em: 04 de agosto de 2020.

[8] Por experiência estética procuro suscitar a multiplicidade de condições que compõe a noção do belo na escalada. Uma rocha pode ser, aos olhos ou através de imagens, esteticamente bonita. Contudo, é por meio da experiência corporal que a sua estética é muito mais apreciada pelos escaladores. Isto é, as saliências e as cavidades produzem movimentações corporais que, a depender dos corpos e de suas técnicas e habilidades, são ora agradáveis, ora abomináveis, apesar de “visualmente belas”. Ao longo do texto essa ideia ganha corpo, sobretudo quando discuto a respeito das técnicas e habilidades dos múltiplos corpos que se relacionam com diferentes formações rochosas. Mas nessa passagem, sobretudo, quero chamar atenção também para a paisagem e para os outros seres que compartilham dessa experiência, sobretudo os humanos parceiros de escalada, que contribuem também para a composição dessa experiência estética na rocha. Estar com um escalador de *vibe legal*, como nos aponta Brandão, também torna a experiência estética com as rochas mais interessante, agradável e bonita.



[9] O termo técnico em inglês para este tipo de equipamento é *Spring-loaded camming device* (dispositivos de castanhas acionado com molas” em tradução livre). A sigla usada para este dispositivo é SLCD. Ele consiste de duas, três ou quatro “castanhas” (também chamada popularmente de dentes) montadas em um eixo comum, ou dois eixos adjacentes e independentes, que são puxados para girarem em torno de seu eixo. O sistema é acionado puxando um gatilho que fazem com que as “castanhas” se movam juntas e então são inseridas em fendas ou buracos na rocha. Ao ser liberado o gatilho, as castanhas expendem-se provocando o entalamento das mesmas. Fonte: <https://blogdescalada.com/a-historia-da-invencao-dos-friends-e-camalots/> Acesso em: 03 de agosto de 2020.

[10] Encadenar é quando o escalador consegue subir uma via inteira, ainda que com as proteções móveis ou fixas, mas sem cair nenhuma vez e nem se apoiar nas ancoragens para descansar, ou ainda, sem ter ensaiado a via previamente.

[11] Novamente, quando me refiro a respeito das técnicas corporais (Mauss, 1934), não ancoo esta análise, apenas, numa perspectiva de sistema de representações sociais que são inculcadas no corpo, transmitidas, de fora para dentro, mas tampouco as descarto. Afinal, como veremos a seguir, existem muitas técnicas que são amplamente comentadas e discutidas pela comunidade de escaladores. Contudo, nesta análise, me aproximo mais da perspectiva de habilidades corporais (skills), como nos apresenta Ingold (2000), esta que vai muito além da técnica. As habilidades, por sua vez, são adquiridas ao longo do movimentar do corpo, nascem de dentro para fora ao se relacionar com um campo específico de relação entre materiais- corpo-ambiente, e estão abertas as improvisações e imprevistos. “This reduction of the technical to the mechanical is an inevitable consequence of the isolation of the body as a natural or physical object, both from the (disembodied) agency that puts it to work and from the environment in which it operates. To understand the true nature of skill we must move in the opposite direction, that is, to restore the human organism to the original context of its active engagement with the constituents of its surroundings. As Gregory Bateson argued, by way of his example of the skilled woodsman notching with an axe the trunk of a tree he is felling, to explain what is going on we need to consider the dynamics of the entire man–axe–tree system” (Ingold, 2000, p. 352).

[12] Cessar Grosso, realizador desse feito, comenta em suas redes sociais: “Mais uma semana se passou e eu ainda aqui. *Não é sempre que posso tentar a via, entre muitos fatores variáveis, o tempo não ajudou muito nas duas últimas semanas, onde pude escalar a via seca somente 3 dias.* No final de semana passado, com o *clima perfeito, seco e pouco vento* deixei minha chance de ouro escapar entre os dedos, caí pra pegar a última agarra. Mas sei que nos próximos dias teremos uma boa notícia!”. Depois de livrado teto, ele escreve: “Livrar o Teto do Baú é um longo processo feito em várias etapas. Desde identificar a linha que será escalada em livre, limpar a via (*musgo, agarra solta, terra, etc*), neste caso também trocar algumas chapas de proteção, (que entre chapas trocadas e novos furos somam 12 proteções até a virada do teto). E por fim, tentar isolar os movimentos pra conseguir encadenar. Está última etapa tem sido difícil com *tanta agarra ainda quebrando dificultando ainda mais os movimentos que mal davam pra costurar e poucos pontos pro magnésio, mas por outro lado, vejo também novas possibilidades de movimentação.* Sem falar no cansaço geral pra tentar a via, são horas entre carro, trilha e escalada com o houlbag pesado até a base da via e cada queda no imenso vão do teto *demanda muita energia e tempo me puxando na corda pra retomar ao ponto que cai, bem diferente de uma via comum na falésia*”. Fonte: <https://www.instagram.com/p/B5A1Sbkh-IK/>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2021.

[13] Sobre esse caso, Tiago me conta que é comum entre os conquistadores menos experientes, *metralharem as rochas*, sobretudo em locais onde não é preciso, como em passagens onde existem fendas. Quando isso ocorre, a reação da comunidade local da escalada pode ser tão negativa, chegando a ameaçar “colocar um processo” nos conquistadores da via, justamente por terem machucado de forma desnecessária a rocha.

[14] Arno Ilgner distinguiu-se como um escalador pioneiro nos anos 1970 e 80. Em 1995, após uma pesquisa aprofundada da literatura e prática de treinamento mental e as grandes tradições guerreiras, Ilgner formalizado seus métodos, fundou o Instituto Desiderata, e começou a ensinar seu programa de tempo integral. Desde então, ele tem ajudado centenas de estudantes aguçar a sua consciência, o foco de atenção, e entender seus desafios de atletismo (e de vida) dentro de uma filosofia coerente, baseada em aprendizado de tomada de risco inteligente. Fonte: <https://blogdescalada.com/principios-de-gravidade-e-movimento-na-escalada/> Acesso em: 05 de agosto de 2020.



[15] Fonte: <https://www.arsenaldastrilhas.com.br/tecnicas-de-escalada-e-movimentos/> Acesso em: 04 de agosto de 2020.

[16] Fonte: <https://blogdescalada.com/tipos-de-rocha-escalada/> Acesso em: 06 de agosto de 2020.

[17] Fonte: <https://blogdescalada.com/tipos-de-rocha-escalada/> Acesso em: 06 de agosto de 2020.

[18] O croqui da linha é algo relevante e bastante difundido no meio da escalada. Segundo Mateus, é nos croquis onde estão as informações mais importantes a respeito da via. Contudo, é preciso sinalizar que um croqui não é algo finalizado. O croqui está sempre em aberto, em seu porvir. Um escalador pode sugerir informações cartográficas sobre a via, e o conquistador, por sua vez, se concordar, pode incluí-las ao seu croqui.

[19] As pedras, portanto, mais do que objetos, são um acontecer, uma coisa onde vários acontecimentos se entrelaçam. “Com certeza, você talvez diria, a pedra é um objeto. Mas ela só o é se nós a extrairmos do processo de erosão e deposição que a levou até aquele lugar, e lhe conferiu seu presente tamanho e forma. Uma pedra que rola, diz o provérbio, não junta musgo. Mas no próprio processo de juntar musgo, a pedra em repouso torna-se uma coisa; por outro lado, a pedra que rola – como um seixo na correnteza de um rio – torna-se uma coisa no ato mesmo de rolar. Assim como a árvore que responde através de seus movimentos às correntes de vento é uma árvore-no-ar, a pedra que rola levada pela corrente do rio é uma pedra-na-água” (Ingold, 2012, p. 30).

[20] Fonte: <https://blogdescalada.com/o-conceito-de-escalada-livre-e-seus-detalhes-que-fazem-grande-diferenca/> Acesso em: 06 de agosto de 2020.